

# Espectro do autismo: um fantasma sem mediação e a máxima garantia ao desconhecimento

---

Luis Achilles Rodrigues Furtado

## Resumo

Neste trabalho, pretendemos articular uma hipótese em torno do fenômeno da disseminação desenfreada de diagnóstico de transtorno do espectro autista a partir da lógica do fascínio que implica a forclusão do sujeito. Aqui, abordamos a correspondência, sem mediação, entre o Ideal do eu e o objeto, considerando as indicações de Freud e de Lacan. A partir de uma leitura do texto “Nota sobre a criança” (Lacan, 1969/2003), pretendemos relacionar a clínica do autismo e a função de desconhecimento provocada pelo discurso capitalista das evidências científicas.

## Palavras-chave:

Autismo; Psicanálise; Capitalismo; Sujeito.

## Autism spectrum: an unmediated fantasie and the maximum guarantee of ignorance

## Abstract

In this paper we intend to articulate a hypothesis about the phenomenon of unbridled dissemination of the diagnosis of autism spectrum disorder based on the logic of fascination that implies the forclusion of the subject. Here we discuss the correspondence, without mediation, between the ideal of the ego and the object, considering Freud and Lacan’s theories. Based on a reading of the text “Note on the Child” (Lacan, 1969/2003), we intend to relate the clinical work on autism and the function of ignorance caused by the capitalist discourse of scientific evidence.

## Keywords:

Autism; Psychoanalysis; Capitalism; Subject.

## **Espectro del autismo: un fantasma inmediato y la máxima garantía a la ignorancia**

### **Resumen**

En este trabajo pretendemos articular una hipótesis en torno al fenómeno de la difusión desenfadada del diagnóstico del trastorno del espectro autista a partir de la lógica de la fascinación que implica la forclusión del sujeto. Aquí abordamos la correspondencia, sin mediación, entre el Ideal del yo y el objeto, considerando las indicaciones de Freud y Lacan. A partir de una lectura del texto “Nota sobre el niño” (Lacan, 1969/2003), pretendemos relacionar la clínica del autismo y la función de desconocimiento provocada por el discurso capitalista de la evidencia científica.

### **Palabras clave:**

Autismo; Psicoanálisis; Capitalismo; Sujeto.

## **Spectre de l'autisme : un fantasme immédiat et la garantie maximale au méconnaissance**

### **Résumé**

Dans ce travail, nous entendons articuler une hypothèse autour du phénomène de diffusion effrénée du diagnostic de trouble du spectre de l'autisme basée sur la logique de fascination qui implique la forclusion du sujet. Nous abordons ici la correspondance, sans médiation, entre l'Idéal du moi et l'objet, en considérant les indications de Freud et de Lacan. À partir d'une lecture du texte «Note sur l'enfant» (Lacan, 1969/2003), nous entendons relier la clinique de l'autisme et la fonction du méconnaissance provoqué par le discours capitaliste de l'évidence scientifique.

### **Mots-clés :**

Autisme ; Psychanalyse ; Capitalisme ; Sujet.

Duas passagens curiosas de nossa experiência permitem tecer algumas considerações sobre a função de desconhecimento relativa à realidade do trabalho com o autismo hoje. Uma mãe, ao falar de sua experiência com seu filho e de seu sofrimento quanto ao diagnóstico, nos disse: “Só queria saber quem é meu filho?”. Outra mãe, médica, angustiada com o diagnóstico, lançou a seguinte frase: “Sei que é genético. Sei que a culpa é minha.” Se uma demonstrou abertura para o sujeito e demandava uma nomeação diagnóstica para aplacar sua angústia, a outra dava testemunho de um sentimento de culpa inevitável.

Sabemos da tese de que a psicanálise culpabiliza os pais de autistas, ela ilustra a cópula da ciência com o capital que foraclui o sujeito, contribui com a segregação pelas vias da uniformização da identidade diagnóstica e da promoção de métodos e instituições especializadas, legitimadas pelo fetiche da “evidência científica” (Aflalo, 2020; Furtado, 2013a). Lembremos que o imaginário de pais não calorosos foi escrito por Kanner (1943/1997) através de um erro de amostragem (Bettelheim, 1967/1972). Ademais, precisamos reconhecer que a confusão entre as funções simbólicas constitutivas do sujeito e o imaginário relativo aos papéis de mães e pais, teve a polêmica contribuição de psicanalistas como Bruno Bettelheim (1967/1972), Margareth Mahler (1965/1989), entre outros.

Quanto à amostra do estudo inaugural de Leo Kanner (1943, tradução e destaque nossos), ele afirma: “Em todo o grupo, existem muito poucos pais e mães realmente calorosos [*warmhearted*] (...) Mesmo alguns dos casamentos mais felizes são relações *frias e formais* [*cold and formal affairs*].” A expressão “*refrigerator mother*” (“mães-geladeira”) é uma hipérbole da descrição inaugural e um desdobramento cuja polêmica o próprio Kanner reforçou. Bruno Bettelheim (1967/1972) também reforçou esse imaginário de uma norma parental que desconsidera a estrutura. Apesar de realizar uma rigorosa revisão teórica sobre o autismo na época, o autor repete a hipótese de que a pergunta analítica seria sobre a etiologia e não a causa do sujeito. A partir de então, cientistas e familiares de autistas (especialmente no contexto dos Estados Unidos) iniciam uma corrente de respostas que, apesar do contexto das publicações científicas, recheiam de ódio e ideologia o debate clínico e conceitual.

Em primeiro lugar, podemos nos perguntar sobre em que consiste e quando surgiu a hipérbole extremamente divulgada da figura da “mãe-geladeira”, pois não é no texto inaugural do autismo, em 1943, que consta esse termo “geladeira”. O significante “*refrigerator*” aparece sete anos depois, na conclusão de um artigo dedicado à nosologia e à psicodinâmica do autismo infantil precoce (Kanner, 1949). Naquele estudo, Kanner afirma que abordou insistentemente

(...) as personalidades, as atitudes e os comportamentos dos pais porque eles pareciam lançar uma luz considerável sobre a dinâmica psicopatológica da das crianças. A maioria dos pacientes foram expostos desde o começo a uma frieza parental [*parental coldness*], obsessão e um tipo de atenção mecânica apenas às necessidades materiais. Eles foram objeto de observação e experimentação conduzidos muito mais com um olho no desempenho fragmentado [*fractional performance*] do que com genuíno afeto e prazer [*genuine warmth and enjoyment*]. Eles foram cuidadosamente mantidos em geladeiras que não descongelaram [*refrigerators which*

*did not defrost*]. Sua ausência parece uma ação de separação [*turning away from*] de uma situação para procurar conforto na solidão. (Kanner, 1949, p. 225, tradução nossa)

Vale ainda citar literalmente a pergunta com a qual o autor finaliza seu artigo de 1949: “Ademais, as personalidades dos pais não indicariam que existem graus mais suaves de isolamento e obsessão que possibilitariam uma pessoa funcionar ou mesmo adquirir um certo tipo de sucesso numa existência não psicótica?” (Kanner, 1949, p. 226, tradução nossa). Dessas duas passagens, podemos dizer que foi Leo Kanner — um psiquiatra e não psicanalista, como nos aponta Maria Anita Carneiro Ribeiro (Furtado, 2013b) — que estabeleceu essa discussão moralizante e etiológica. Por isso, a metáfora da “mãe-geladeira” encontra sua origem na figura que mais se destacou mundialmente por sua “original” contribuição. Por outro lado, vemos também que ali constam constatações clínicas que foram contemporâneas às que originaram a inúmeras pesquisas e que também povoaram a experiência psicanalítica, tais como aquela coordenada por Miriam David (Appell, 2015), a qual Jenny Aubry e Rosine Lefort (1980) participaram na instituição Parent de Rosan e que redundou no livro *O nascimento do Outro*, para citar apenas um exemplo (Lefort & Lefort, 1980).

Podemos relacionar as considerações de Kanner — a partir da experiência John Hopkins Hospital, em Baltimore — com, pelo menos, dois outros destinos nos Estados Unidos e que se estenderam pelo mundo: a pesquisa psicanalítica sobre o sofrimento de crianças pequenas, realizada em Boston no James Jackson Putnam Children Center (Guedeny, 2006); e as pesquisas de Bruno Bettelheim na Orthogenic School at the University of Chicago. Curioso notar que é na University of Chicago, no mesmo período e em oposição política, que surge um dos principais métodos comportamentalistas opositores à psicanálise (Método TEACCH) pela pluma de Eric Schopler. Este autor tinha pretensões ainda maiores que as metodológicas, mas pretendia articular uma política pública (Menéndez, 2012). Segundo Edelson (2014), Bernard Rimland e pai de autista torna-se um *best-seller* em 1964, com um livro premiado nacionalmente sobre o tema, e soma-se à inicial e odiosa cruzada cientificista, antipsicanalítica, quanto ao autismo, apresentando uma pesquisa sobre gêmeos que refutaria a hipótese “psicogênica” atribuída à psicanálise, à teoria das “mães-geladeiras”.

Cinquenta e nove anos depois, em 2023, ainda vemos o ódio decorrente do uso político do mal-entendido texto de Kanner. O movimento que leva à bandeira do autismo ganhou muito poder e elegeu alguns políticos no Brasil. Mesmo sem comprovação de um marcador biológico, com uma etiologia apenas putativa (Steinman, 2020), temos a hegemonia de uma opinião, mentira ou delírio no qual o autismo tem causas “evidentemente comprovadas”. Mesmo que tais teses sejam verdadeiras,

o trabalho analítico não fica excluído. Propomos neste trabalho destacar o fato de que Lacan abordou um problema semelhante quando de sua “Nota sobre a criança” (Lacan, 1969/2003). Sigamos algumas de suas afirmações naquele contexto.

Propomos seguirmos aquele pequeno texto em algumas de suas sutilezas, comparando com o original em francês, ou mesmo seu fac-símile. Antes, é preciso considerar que se trata de um texto privado, um pequeno bilhete, escrito à mão, e informal, dirigido a Jenny Aubry, que era amiga de Lacan, colega de trabalho, supervisionanda de longa data, que tinha experiência com casos de crianças gravemente comprometidas e que manteve relações de pesquisa com o citado James Jackson Putnam Children Center, nos Estados Unidos. O documento a que nos referimos se constitui de três folhas de papel sem uma ordem definida, mas foi Jacques-Alain Miller quem estabeleceu uma unidade ao texto que consta na coletânea póstuma intitulada *Outros escritos*, de Lacan. Apenas muitos anos após a escrita desse bilhete que o texto foi publicizado por Jenny Aubry e por Miller (2014).

Sigamos algumas das afirmações de Lacan naquele contexto para situarmos a discussão que desejamos empreender sobre o autismo hoje, especialmente quanto ao diagnóstico e sua pulverização “epidêmica”.

Quanto às dificuldades clínicas no tratamento psicanalítico de crianças, Lacan (1969, tradução e destaque nossos) afirma: “A articulação se reduz muito quando o sintoma que vem a dominar *decorre* da subjetividade da mãe.” O autor explicita que o sintoma é um representante da verdade. Na perspectiva psicanalítica, diferentemente do que pensariam Kanner, Bettelheim, Mahler, Schopler, Rimland, não se trata da etiologia de uma doença, mas da leitura do sintoma como relativo à enunciação e à causa do sujeito. O sintoma enuncia uma verdade.

Reconhecemos que a ambiguidade da palavra traduzida por “decorre” induz o sentido de uma etiologia, mas há aí uma sutileza que deve ser destacada. No *Le Robert dico en ligne* (2022) encontramos uma definição para o verbo “ressortir” que o relaciona ao sentido jurídico. “*Ressortit à la subjectivité de la mère*” significa que o representante da verdade concerne a “outra jurisdição”, a da mãe. Não se trata simplesmente do sintoma da criança isolado em sua apresentação como doença ou debilidade. Trata-se do fato de que as dificuldades apresentadas — e lidas no e pelo tratamento psicanalítico — remetem à lei do Outro, à dialética discursiva que se instaura nas condições de grave comprometimento.

Lembrando a citação de Kanner que fizemos acima, lançamos a seguinte questão: e se o discurso “da mãe”<sup>1</sup> equivale ao discurso médico? E se a “mãe” se iden-

---

1 Aqui nos referimos como “mães” ao conjunto de pessoas que se dedicam ao cuidado das pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo atualmente. Preferimos esse termo em contraposição à expressão genérica “pais”, para demonstrar ainda mais a situação da realidade — por que não dizer machista? — na qual os cuidados e a luta pelos direitos são realizados pelas mães dos ditos autistas, muitas vezes abandonadas e sozinhas e que acabam por encontrar refúgio nas comunidades de autoajuda e movimentos político-identitários.

tifica com o discurso da ciência sem questionamento? Fato que tem se repetido cada vez mais na experiência cotidiana nas escolas e na clínica. Na verdade, a própria história do autismo encarna essa questão. Não faltam exemplos: Rimland, que era um pai de uma pessoa diagnosticada como autista; Lorna Wing, psiquiatra inglesa que inaugurou a noção de “espectro”, também (Wing, 2010); afora os familiares autores e coautores das autobiografias e textos políticos, a exemplo de Judy Singer, mãe de autista e que também se autodenomina autista, inaugurando o movimento identitário da neurodiversidade (Singer, 2017). Trata-se, realmente, de uma ativa luta, justa, mas também de profunda experimentação e escrutínio sobre o tema e sobre as pessoas.

Outra passagem do bilhete de Lacan a Aubry é extremamente atual. Ele afirma que, nesses casos, “a criança é diretamente implicada como correlativa a uma fantasia” (Lacan, 1969). Mas que fantasia é essa?

Lacan alude ao que Freud (1921/2020) escreve sobre o enamoramento. Afirma que a criança fica aberta a todas as capturas fantasísticas quando não há mediação entre a identificação ao Ideal do Eu e a parte tomada do desejo da mãe, ou seja, seu objeto. Eis exatamente a definição que Freud dá a maior expressão de enamoramento: a fascinação enquanto servidão apaixonada. Freud (1921/2020) destaca a função de desconhecimento neste estado de coisas: “Simultaneamente a essa ‘entrega’ do Eu ao objeto (...) falham inteiramente as funções atribuídas ao Ideal do Eu. Silencia-se a crítica exercida por esta instância; tudo o que o objeto faz e exige é correto e inatacável.”

Qual é o Ideal do Eu que se apresenta no discurso médico encarnado e reproduzido por parte das mães e contemporâneas e identitárias? Parece-nos — e levantamos essa hipótese — que esse Ideal não remete a uma história, a um desejo, mas ao próprio diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA) e todo o alívio e gozo que ele permite pelos seus efeitos nomeação (Martins et al., 2017). Podemos parafrasear Lacan: “Ela se torna o ‘objeto’ do saber médico e não tem outra função que a de revelar a verdade deste objeto.” Aqui, notamos a verdade do discurso médico jacente na corrida diagnóstica pelo TEA: a produção de uma das mais proeminentes, úteis e enigmáticas categorias que servem à medicalização das condutas infantis que resistem à lógica da produção.

Lacan diz que a criança “realiza a presença do objeto *a* na fantasia”. Ele sublinha a palavra *realize*, destacando que a criança presentifica no real o objeto causa do desejo. Mas, se o objeto é presentificado, ele não falta, logo aparece como angústia, medo, horror e fascínio. A criança “satura o modo de falta da mãe na qual se especifica seu desejo”, diz o interlocutor de Jenny Aubry. A verdade da mãe — que também é um sujeito em sofrimento — fica alienada na criança, que, por sua vez, dá corpo a essa verdade, lhe dá existência e dá a exigência de ser protegida! Logo, a proteção da criança é a proteção da verdade em jogo!

Essa última afirmação nos explica como o fetiche do diagnóstico e dos tratamentos evidentes cientificamente são propagandeados de pelo discurso de divulgação científica<sup>2</sup> como serviços de proteção dos autistas e de suas famílias. É evidente que os psicanalistas também concordam que os direitos dessas pessoas e suas famílias devem ser plenamente exercidos e acessíveis. Contudo, o que chamamos de “mais evidentes e adequados” corresponde ao que cada caso necessita e deseja? O fetiche dos “únicos métodos evidentes cientificamente”, acompanhados da campanha difamatória e de ódio à psicanálise, não seria a verdade ofertada como mercadoria? Logo, vemos não só a oferta de um método especializado a ser consumido, mas todo um mercado muito lucrativo: cursos de formação e, principalmente, a exigência de se consumir o diagnóstico, que logo se torna um índice de identidade de gozo (Soler, 2018), formando comunidades que encontram no mundo virtual seu lugar privilegiado de encontro.

Quando o espectro do autismo, a fantasia do autismo — lembremos que o próprio Leo Kanner confessou que este nome foi uma “escolha pobre” (citado por Rimland, 1974, p. 138) — corresponde a um sintoma entendido como somático, o efeito é a forclusão do sujeito, e a intervenção se dirige para as condutas, para as performances e para as políticas universais de tratamento. Nesse caso, é oportuno, desejável, que a psicanálise seja desautorizada e reduzida a um misticismo religioso e *démodé*. O sintoma autístico/somático dá o máximo de garantia ao desconhecimento da verdade do discurso médico cientificista. A propaganda da “evidência” sobre o autismo é uma fonte inesgotável que nos mostra em cada caso a culpabilidade que ela pode encarnar, o fetiche e a forclusão a que esses indivíduos são submetidos.

Enfim, relançamos a questão urgente em nossos dias: como mediar e fazer frente ao desconhecimento garantido por esse espectro?

---

2 Lembremos que há uma distância a ser considerada entre os artigos científicos e os textos de divulgação científica, em que fica muito mais evidente a dimensão ideológica e de opinião dos autores. Obviamente, os próprios artigos científicos também sofrem essa “contaminação” ideológica.

## Referências bibliográficas

- Aflalo, A. (2020). Autismo: nuevos espectros. Nuevos mercados. In I. Ruiz. *Evidencia científica y autismo: una burbuja de certidumbre*. Gredos. (Edição Kindle).
- Appell, G. (2005). Un début de carrière. *Le Carnet PSY*, 96, 31-33. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/lcp.096.0031>
- Bettelheim, B. (1972). *The empty fortress: infantile autism and the birth of the self*. Free Press. (Trabalho original publicado em 1967)
- Edelson, S. M. (2014). Bernard Rimland's "Infantile autism": the book that changed autism. In *Autism Research Institute*. Recuperado de <https://autism.org/bernard-rimlands-infantile-autism/>
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud. *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Edição Kindle). Recuperado de <https://grupoautentica.com.br/autentica/livros/o-mal-estar-na-cultura-e-outros-escritos-de-cultura-sociedade-religiao/1835> (Trabalho original publicado em 1921)
- Furtado, L. A. R. (2013a). *Sua majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo*. Curitiba: CRV.
- Furtado, L. A. R. (2013b). Entrevista com Maria Anita Carneiro Ribeiro. *Stylus*, Rio de Janeiro, (26), 141-152. Recuperado em 6 de novembro, 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-157X2013000100015](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2013000100015)
- Guedeney, A. (2006). Entretien avec Myriam David. *Devenir*, 18, 113-122. Recuperado de <https://doi.org/10.3917/dev.062.0113>
- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child: Journal of Psychopathology, Psychotherapy, Mental Hygiene, and Guidance of the Child*, 2, 217-250. Recuperado de <https://autismtruths.org/pdf/Autistic%20Disturbances%20of%20Affective%20Contact%20-%20Leo%20Kanner.pdf>
- Kanner, L. (1949, julho). Problems of nosology and psychodynamics of early infantile autism. *Am. J. Orthopsychiatry*, 19(3), 416-426. Recuperado de 10.1111/j.1939-0025.1949.tb05441.x
- Kanner, L. (1997). Os distúrbios autísticos do contato afetivo (pp. 111-170). In P. Rocha (Org.), *Autismos*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1943)
- Lacan, J. (1969). *Deux notes a Jenny Aubry*. Recuperado em 17 de junho, 2016, de <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1969-10-00.pdf>
- Lacan, J. (2003). Nota sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 369-370). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969)
- Lefort, R., & Lefort, R. (1980). *Naissance de l'Autre. Deux psychanalyses: Nadia, 13 mois, Marie-Françoise, 30 mois*. Paris: Seuil.
- Le Robert dico en ligne (2022). *Ressortir*. Recuperado em 14 de setembro, 2022, de <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/ressortir>



- Mahler, M. (1989). Sobre a psicose precoce do bebê: síndrome simbiótica e síndrome autística. In M. Mahler. *As psicoses infantis e outros estudos* (pp. 41-51). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965)
- Martins, K. P. H. et al. (2017). Um golpe de mestre: crianças e pais frente ao diagnóstico psiquiátrico. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 20(2), 278-293. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/2330/233051956005.pdf>
- Menéndez, R. (2012). Autismo: uma questão de ciência ou de ideologia?. *Estudos de Psicanálise*, (38), 115-124. Recuperado em 5 de junho, 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372012000200013&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200013&lng=pt&tlng=pt)
- Miller, J.-A. (2014). A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana Online Nova Série*, (15), 1-15. Recuperado de [http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_15/crianca\\_entre\\_mulher\\_mae.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf)
- Rimland, B. (1974). Infantile autism: status and research. In A. David. *Child personality and psychopathology* (Vol. I). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Singer, J. (2017). *Neurodiversity: the birth of an idea*. Judy Singer.
- Soler, C. (2018). *Rumo à identidade*. São Paulo: Aller. (Edição Kindle).
- Steinman, G. (2020). The putative etiology and prevention of autism. In *Progress in molecular biology and translational science* (Vol. 173, pp. 1-34). Elsevier Inc. Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877117320300570>
- Wing, L. et al. (2010, março-abril). Autism spectrum disorders in the DSM-V: better or worse than the DSM-IV?. *Res. Dev. Disabil.*, 32(2), 768-773. Recuperado em 21 de novembro, 2019, de 10.1016/j.ridd.2010.11.003

**Recebido:** 01/07/2022

**Aprovado:** 15/07/2022